

RESUMOS

O RIO E O MAR - O MÚSICO DO POVO EM TEMPO DE CAOS

O músico do povo chinês, Xian Xinghai 冼星海 (1905-1945), nasceu em Macau, no seio de uma família de pescadores. Para fugir à miséria, a mãe de Xian, viúva, levou-o para Singapura, onde começou a estudar e o seu talento musical foi revelado. Na adolescência, Xian estudou na China recebendo formação musical adequada em Guangzhou e, mais tarde, em Pequim e Xangai. Aos 24 anos, em circunstâncias difíceis, realizou estudos em Paris. Em 1935, com 30 anos, retornou a Xangai para apoiar as campanhas anti-japonesas, na altura em que o Japão invadia em larga escala a China. Xian Xinghai foi um prolífico compositor. Compôs cerca de 300 músicas, sendo *A Cantata do Rio Amarelo* (1939) seguramente a mais conhecida e mais apreciada. Ao compor um hino ao Rio Amarelo, Xian esteve ligado ao espírito de resistência anti-japonesa. Viveu num período de constantes guerras, conflitos e distúrbios sócio-políticos, e morreu em Moscovo, precocemente, aos 40 anos. Mapeado sobre um período de caos, este artigo pretende debater a existência itinerante de Xian e a sua transformação de filho de um pescador em músico de renome nacional. Examina o movimento da Nova Música na China e o contexto histórico em que *A Cantata do Rio Amarelo* foi composta, como uma arma de defesa e de salvação nacional. Também aborda as notáveis denominações póstumas de Xian - o Músico do Povo e o Distinto Filho de Macau.

[Autora: Christina Miu Bing Cheng, pp. 6-25]

ACTIVIDADES MUSICAIS COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO DE TOMÁS PEREIRA COM A CULTURA CHINESA

Tomás Pereira, cujo nome chinês é *Xu Risheng*, foi um grandioso jesuíta português, cientista e músico, que nasceu a 1 de Novembro de 1645, no Norte de Portugal mais precisamente em São Martinho do Vale, Famalicão, Minho. Chegou a Macau em 1672 e, um ano depois, começou a trabalhar na corte de Pequim perante o Imperador Kangxi. Além da missão de Deus, o seu talento musical foi também muito conhecido. A par do seu trabalho de

proselitismo, Pereira foi um embaixador das ciências ocidentais e ocupou um importante cargo na corte Qing, desempenhando um papel de relevo nas negociações com a Rússia, na sequência da invasão de territórios chineses. O episódio da *Controvérsia dos Ritos* é revelador da influência que Tomás Pereira alcançou: após a proibição das missões na China e graças aos seus argumentos junto do imperador, o jesuíta conseguiu que o Édito de Tolerância ao Cristianismo fosse publicado. Para além disso, conhecedor que era da teoria musical, foi professor de música do próprio imperador e escreveu a primeira obra em chinês sobre a técnica musical ocidental.

[Autor: Song Haoyan, pp. 26-39]

JOSÉ MARIA BRAGA (JACK BRAGA) E O SEU ESPÓLIO LITERÁRIO EM MACAU

José Maria Braga ou Jack Braga, como era conhecido, nasceu a 22 de Maio de 1897, em Hong Kong, onde foi educado no "St. Joseph's College". O seu bisavô fixara-se em Hong Kong, logo após a ocupação daquele território pelos Ingleses e seu pai, José Pedro Braga, membro da comunidade macaense da então colónia inglesa, casou com uma senhora de origem australiana, Olive Pauline Kollard, que foi para Hong Kong em 1890. Jack Braga, por seu lado, era um conhecido homem de negócios em Hong Kong, mas, na década de 1920, fixou-se em Macau onde se casou, em 1924, com Augusta Isabel da Conceição Osório da Luz. Após a Segunda Grande Guerra Mundial regressou a Hong Kong e, posteriormente, emigrou para a Austrália, onde prosseguiu os seus estudos e pesquisas, até à data da sua aposentação, com 75 anos de idade. Depois, foi para San Francisco (EUA) com a esposa onde foram viver com a filha mais velha. Aqui veio a falecer, a 27 de Abril de 1988, com 90 anos de idade.

Jack Braga deixou uma grande colecção de livros, manuscritos, mapas, quadros, jornais e revistas. A sua colecção foi vendida à Biblioteca Nacional da Austrália, em Canberra, em 1966, tendo sido convidado por esta Biblioteca, para ir para a Austrália e aqui trabalhar, para organizar a sua própria colecção bibliográfica (1968 e 1972), que

deu origem à secção portuguesa ali existente. Alguns dos seus livros, no entanto, foram adquiridos pela Biblioteca Pública de Macau. É deste pequeno núcleo existente na "Sala de Macau", da actual Biblioteca Central de Macau, que nos propomos falar e analisar. [Autora: Leonor Diaz de Seabra, pp. 40-53]

A EMISSÃO RADIOFÓNICA EM LÍNGUA INGLESA DE J.M. BRAGA EM MACAU

Durante a ocupação japonesa de Hong Kong (1941-1945), muitos europeus, residentes americanos e imigrantes portugueses em Hong Kong mudaram-se para Macau para escapar à guerra. O território tendo a vantagem de ser uma zona neutra, oferecia-lhes um lugar temporário para se fixarem em tempo de guerra, onde obtinham notícias da guerra e informações através da programação da rádio local. O famoso historiador de Macau, J.M. Braga, era jornalista e radialista na altura e produzia um programa em inglês todas as sextas-feiras à noite no Clube de Rádio de Macau. Este programa de rádio consolava o coração dos refugiados e permitia que se mantivessem actualizados sobre a sociedade da época. Depois da guerra, J.M. Braga foi condecorado pelo governo chinês pela sua contribuição ao serviço da inteligência chinesa em Macau durante a guerra sino-japonesa.

[Autor: Tang Io Weng, pp. 54-65]

REPRESENTAÇÕES INTERCULTURAIS NO ORIENTE DE S. FRANCISCO XAVIER

As *Cartas e Escritos* de Francisco Xavier são narrativas eloquentes de uma jornada pelo Oriente que absorveu toda a vida do santo. As suas experiências e idiosincrasias, valores e categorizações são apresentados num claro discurso erudito. O missionário raramente é neutro nas suas opiniões, centrado no seu objectivo omnipresente: a conversão dos povos e a expansão da Companhia de Jesus. Qual é então a posição das mulheres, tanto no sentido coletivo quanto no individual, nas viagens e nos objetivos que são a temática central das *Cartas e Escritos de Xavier*? Qual é o papel das mulheres, esse termo secundário e silenciado do binómio homem/mulher, que estabelece uma dicotomia semelhante

aos binómios civilizado/selvagem e europeu/nativo que pontuam as narrativas de Xavier e o contexto histórico das suas cartas? As mulheres não estão ausentes dos seus escritos, mas seria ingénuo argumentar em favor da misoginia do autor tanto quanto do seu “profundo conhecimento do coração feminino”, para citar Paulo Durão em *As Mulheres nas Cartas de São Francisco Xavier* (1952).

Este artigo explora as quatro grandes categorias do feminino patentes nas Cartas e Escritos: as mulheres europeias; as mulheres orientais convertidas; as mulheres que professam outra religião; e as mulheres enquanto agentes e objetos do pecado, uma representação transversal a todas as categorias. Todas estas representações interculturais dependem do contexto, das circunstâncias e das estruturas de pensamento que o autor opta por destacar e narrar.

[Autora: Clara Sarmiento, pp. 66-85]

CATIVEIRO DO ESTADO COLONIAL PORTUGUÊS: A VIVÊNCIA DOS DEPORTADOS ANARCO-SINDICALISTAS EM TIMOR

Na tentativa de oferecer novas interpretações sobre a vivência dos deportados políticos portugueses, este artigo centra-se na remota colónia de Timor Leste, como parte de uma extensa rede de prisões levadas a cabo sob o regime autoritário de António de Oliveira Salazar. Em primeiro lugar, recorda a instabilidade política e económica em Portugal, após o golpe militar de Maio de 1926, que pôs fim à Primeira República. Baseando-se na documentação recém-disponível, o artigo examina duas levas de deportados de Portugal chegados a Timor, de jovens activistas envolvidos em actividades anarco-sindicalistas no período de 1912-1927, e de um grupo de liderança mais sénior envolvido num golpe militar fracassado ocorrido em Agosto de 1931. De seguida, acompanha as reacções dos deportados à invasão do Japão e à ocupação de Timor, incluindo o exílio na Austrália. Ao destacar o papel dos revolucionários anarquistas em Portugal a partir da década de 1920 e o seu subsequente encarceramento em Timor,

o artigo também chama a atenção para a dinâmica que liga os centros metropolitanos às vastas periferias coloniais em geral. No caso do império português, como argumentado, o florescente movimento anticolonial dos anos 1960 também se cruzaria com o movimento pró-democracia nacional. Dentro de Timor, além disso, as famílias deportadas emergiram como parte do movimento pró-independência, influenciando indelevelmente a política na era pós-colonial.

[Autora: Geoffrey C. Gunn, pp. 86-111]

ENSAIO INICIAL: SOBRE AS NOVE MUSAS E OS PADRÕES DE CÉU E TERRA: DA UNIDADE LITERÁRIA À PLURALIDADE DE GÉNEROS

A teoria dos géneros é uma importante ferramenta para compreendermos o desenvolvimento de uma tradição artística, possuindo grande valor prático para repensar a literatura chinesa. Obviamente, por se tratar de uma concepção ocidental, é importante primeiro investigar até que ponto os géneros são auto-referenciais, de que forma refletem um modelo histórico particular. Assim, admitindo a importância da história da literatura grega para o desenvolvimento dos géneros ocidentais, em sua primeira parte, o ensaio sintetiza a relação entre o processo de mudança cultural e a organização de géneros. Na segunda parte, descreve criticamente o impasse sentido pela chamada *World Literature*, reconhecendo que, mesmo numa situação em que a escrita literária se aproxima dos demais usos da linguagem, os géneros continuam a informar a sua produção.

[Autor: Giorgio Sinedino, pp. 112-119]

UM PRIMEIRO OLHAR DAS “SELECÇÕES LITERÁRIAS” DE XIAO TONG, O PRÍNCIPE ZHAOMING: ENTRE GÉNERO, TEMÁTICA E FORMA LITERÁRIA

Este novo módulo das “Dimensões do Cânone” aborda, preliminarmente, o problema dos géneros na literatura em língua chinesa, baseando-se na obra “Wen Xuan” (“Seleções Literárias”). Datando do século VI, as “Seleções” são a primeira grande compilação organizada por tipos de texto na história da China, tendo exercido uma

influência milenar sobre as artes do Leste Asiático, contribuindo para a consolidação de um estilo de vida intelectual peculiar a essa região.

O presente artigo traduz e comenta, pioneiramente em língua portuguesa, o principal prefácio das “Seleções Literárias”, o do seu “editor-chefe”, Xiao Tong (501-531), também conhecido como príncipe Zhaoming da dinastia Liang. Neste contexto, reflete brevemente sobre os critérios de escolha dos trinta e sete tipos de texto, utilizando os conceitos de género, temática e forma literária. Como conclusão, indica que Xiao Tong não apenas reitera a unidade do fenómeno literário – um lugar comum da tradição crítica chinesa – mas também sugere que a escrita poética é ubíqua, sempre presente na vida do burocrata-intelectual chinês.

[Autor: Giorgio Sinedino, pp. 120-147]